

## **A BUSCA PELA VISIBILIDADE DAS MULHERES NA DRAMATURGIA BRASILEIRA<sup>1</sup>**

Julia Schardong<sup>2</sup>, Stephan Baumgärtel<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Vinculado ao projeto “Processos atuais de formação de dramaturgos no Brasil - Pressupostos teóricos, contextos sócio-políticos e procedimentos poéticos nas didáticas da escrita teatral: analisando cinco projetos de formação de dramaturgos no Brasil (2000-2020)”

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Licenciatura em Teatro, bolsista do PROBIC.

<sup>3</sup> Orientador, Departamento de Artes Cênicas- DAC.

A pesquisa se debruça sobre o papel da mulher no cenário da dramaturgia brasileira. Trazendo a contextualização da importância de registros escritos para a história da humanidade e como as mulheres se inserem nesses contextos de registros de suas próprias narrativas, que por tradição tem sido escrita sob a ótica masculina.

Traz à tona a problemática da escassez de referências de dramaturgia feminista, mas sobretudo ressaltando a potência das narrativas já existentes e emergentes no Brasil e América Latina como um todo. Pude contar com as dramaturgas Dione Carlos e Luciana Lyra para me ajudar a aprofundar a reflexão sobre o tema, recolhendo suas respostas sobre minhas indagações sobre o tema dessa pesquisa.

Em resgate de escritoras antes do século XXI, ressalto o marcante desabrochar da década de 60, pois nomes como: Hilda Hilst, Leilah Assunção, Maria Adelaide Amaral, Consuelo de Castro, aparecem no cenário dramaturgic e literário da época. Pamela Tavares, em sua monografia, reflete sobre a desarticulação inicial dessas escritoras com a militância feminista:

Apesar de muitas obras terem discussões de validade feminista, muitas dramaturgas recusaram-se – e recusam-se – a afirmar que seus textos estão ligados ao feminismo de alguma forma. A modernidade, embora, traz de forma natural o caráter unificador de um fenômeno, mesmo que não seja a intenção principal.  
[2018, p. 19-20.]

Em sua primeira fase, a pesquisa buscou levantar as questões (formais e temáticas) que atravessam dramaturgas brasileiras da atualidade em suas tentativas de criar textos de teor feminino ou feminista. Para isso, elaborei um questionário que servia como base de entrevista a distância com duas dramaturgas, Dione Carlos e Luciana Lyra.

Com relação a quantidade de dramaturgas mulheres no período em que Luciana começou a atuar, em 2002, ela afirma que pouco se falava sobre as pautas feministas e que com o decorrer dos anos foi possível ver o crescente protagonismo. Acredita que é através do suporte e incentivo entre as mulheres que novas e diversas narrativas pudessem surgir a partir das demandas necessárias.

Dione Carlos confirma o fato de que havia poucas mulheres dramaturgas no início dos anos 2000, e também acha importante que as dramaturgas elaborem um uma sensação de pertencimento mútuo, de cooperar em um projeto comum que é a construção de um espaço para a escrita por mulheres. Essa escrita se caracteriza menos por uma semelhança formal do que por um fio norteador temático comum que é a experiência de viver como mulher num mundo patriarcal. Ao reagir a essa realidade, ela constrói um universo feminino em diálogo com as realidades marginalizadas. Traduzi-la em escrita é um trabalho de caso a caso, a partir de uma reflexão tanto sobre o material elaborado e analisado quanto sobre as tradições de escrita teatral.

A ideia era analisar as entrevistas com a intuição de entender as forças formadoras das respectivas criações dramatúrgicas, eventualmente marcar e refletir sobre as tensões internas que as marcam, tanto em sua fase de criação quando no texto final, e elaborar uma proposta de oficina de escrita feminina e feminista. Infelizmente, essa fase não podia ser concluída, pois a bolsa foi cancelada devido ao afastamento do orientador por estágio pós-doutoral.